



A transposição didática dos gêneros virtuais de comunicação para o ensino de línguas

Sergio Vale da Paixão
(UEL/FEATI)¹

Resumo: Ainda que inseridos na era digital de comunicação, a escola e os meios eletrônicos utilizados pelos alunos para práticas de interação social virtual, como o MSN, Orkut, Facebook, Twitter e outros, não têm firmado uma parceria satisfatória já que os professores tem apresentado resistência em utilizar tais instrumentos virtuais para efetivação de suas aulas. A apropriação dos gêneros virtuais de comunicação como uso pedagógico pode colaborar sobremaneira para um trabalho de inserção dos alunos numa sociedade tecnologicamente equipada e que exige cada vez mais pessoas preparadas para lidar com essa realidade. A fim de colaborar para as práticas de letramento na escola, apresentamos neste artigo uma reflexão teórica junto a experiências docentes acerca da temática Comunicação Virtual refletindo sobre as possibilidades de se trabalhar em conjunto com os gêneros virtuais que os alunos estão utilizando em sua vida diária. Para tanto, nos apoiamos teoricamente nos estudos de SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (1999), LEFFA (2006), NASCIMENTO (2009) os quais apresentam discussões acerca dos gêneros textuais bem como a interação na comunicação virtual. Junto com as teorias subjacentes serão apresentados relatos de experiência docente com o uso de instrumentos virtuais de comunicação entre professor e aluno, além de um trabalho com o gênero Entrevista Virtual com o intuito de explicitar a habilidade de alguns alunos com os referidos instrumentos e a eficácia no uso dos gêneros digitais no processo de comunicação virtual.

Palavras-chave: Letramento digital; Gênero textual; Comunicação virtual.

Abstract: Although it entered the digital age of communication, the school and the electronic media used by students to practice virtual social interaction, such as MSN, Facebook, Twitter and others, have signed a partnership satisfactory as teachers has show resistance in using such virtual instruments for the execution of their classes. The appropriation of genres of communication such as virtual educational use can contribute greatly to a work of integrating students in a technologically equipped society and that requires more people trained to deal with that reality. In order to contribute to the literacy practices in school, we present here a theoretical teaching experiences with the Virtual Communication on the subject reflecting on the possibilities of working together with the virtual genres that students are using in their daily life. For this, we rely on theoretical studies SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (1999), LEFFA (2006), NASCIMENTO (2009) who present discussions about the genre as well as interaction in virtual communication. Along with, the underlying theories will be presented reports of teaching experience with the use of virtual instruments of communication between teacher and student, and work with gender Virtual Interview with the purpose of explaining the ability of some students with these instruments and their effectiveness in use of digital genres in the process of virtual communication.

¹ sergiovpaixao@hotmail.com



Key-words: Digital literacy; Textual genre; Virtual communication.

1. Introdução

Embora inúmeras pesquisas advindas dos campos da Linguística e Educação apontem para um trabalho de formação de leitores e produtores de texto dentro de um processo de análise textual crítica e reflexiva, a escola, e mais precisamente o professor, tem mostrado certa resistência no que se refere a essa prática no ensino de língua portuguesa nas escolas brasileiras. Um ensino tradicional de língua portuguesa fundamentado nas regras gramaticais e nas propostas de trabalho de produção textual restrita apenas ao tripé, dissertação, narração e descrição têm sido uma constante na atuação de professores nas escolas dos dias atuais.

A má formação dos professores, muitas vezes, tem colaborado, e muito, para que as novas propostas de trabalho oriundas dos referidos campos de conhecimento não cheguem até os novos profissionais que a cada ano se inserem no exercício da profissão docente. Desse modo, deve-se esperar que o contato com os pares, bem como a prática cotidiana, alicerçada em atividades de contínua formação, mostre a real necessidade de um trabalho pedagógico fundamentado na participação efetiva de um indivíduo que necessite da língua portuguesa para sua inserção nas diferentes situações sociais em que o mesmo esteja inserido. Porém, na maioria das vezes isso não acontece.

As novidades trazidas pelos alunos à escola, principalmente no que diz respeito aos avanços da tecnologia, tais como, *e-mails*, *chats*, celulares, *i.pods*, sites de relacionamento, e tantos outros, são recursos que os alunos, em especial os do ensino fundamental e médio, utilizam com frequência para interagirem com o meio social em que vivem. Os alunos, de um modo geral, utilizam os meios de comunicação eletrônicos para diferentes fins – ouvir música, assistir a *clips* e filmes, namorar, jogar, etc. – com muita naturalidade falam o que pensam e enviam por meio de mensagens *sms*, *emails*, *twitters* e tantos outros, mensagens que muito raramente conseguem emitir pessoalmente utilizando-se da oralidade e principalmente da espontaneidade. Ora, possivelmente pode-se dizer que se trata de indivíduos nascidos na



geração da internet, ou melhor, na geração da tecnologia, o que possibilitaria uma compreensão natural dessas atitudes. Pois bem, sabe-se que hoje em dia o mercado de trabalho, bem como as situações sociais de interação pessoal diversas, têm exigido cada vez mais das pessoas, criatividade, espontaneidade, autonomia e, que além do conhecimento, saibam se adequar comunicativamente às situações sociais em que são exigidas a utilização da linguagem. A escola, lugar privilegiado para o desenvolvimento de tais manifestações, tem deixado a desejar no que diz respeito ao trabalho em que o aluno é cobrado a utilizar-se da sua própria língua-mãe para comunicar, representar, interagir e principalmente utilizar-se da língua como meio para inserção social. Preocupados cada vez mais com as idéias conteudistas, privilegiando a quantidade exacerbada de conteúdos gramaticais e terminológicos, muitas vezes distantes dos interesses dos discentes, profissionais da educação tem passado o tempo todo organizando suas aulas ao redor de conteúdos que muitas vezes não são utilizados na vida do cidadão integrante de uma comunidade tecnologicamente inserida e avançada.

É preciso que a educação, no que diz respeito ao ensino de língua materna, perceba em caráter de urgência, a real necessidade de desenvolver atividades de formação em que se privilegie a cultura do aluno, colocando-o como centro do processo escolar, observando seus comportamentos, vivências, atitudes, anseios, críticas e não os distanciando cada vez mais das situações em que seus potenciais e conhecimentos prévios sejam aproveitados.

Uma reforma urgente no que tange o ensino de língua materna urge nos dias atuais oferecendo aos alunos oportunidades em que a utilização dos meios eletrônicos, tão próximos da realidade dos mesmos, e as situações sociais de utilização das manifestações da linguagem, encontrem um ponto de equilíbrio possibilitando a transformação e a humanização da sociedade.

“Isso é que é educar: dar voz ao outro, reconhecer seu direito à palavra, encorajá-lo a manifestar-se. Sem isso, não é de admirar que a atividade de redação seja tão problemática na escola.” (BAGNO, 2006, p.139).

Não há receitas prontas para que o trabalho do professor seja modificado de uma hora para a outra. O que há é a possibilidade de o professor refletir sobre sua prática pedagógica e perceber que muitas vezes a aula é elaborada de forma inadequada à expectativa do aluno, e às demandas de uma vivência em sociedade. Um trabalho que vai à contramão das propostas



apresentadas pelas pesquisas, em que o conceito de ensino de língua não mais deva ser entendido como o ensino de metalinguagem, ou seja, língua falando de língua, como é o caso das aulas de gramática, mas que aconteça de forma eficiente e atendendo a real necessidade dos falantes incluídos na sociedade.

Parar de querer entregar regras (mal descritas), já prontas, e começar a descobrir métodos inteligentes e prazerosos para que os próprios aprendizes deduzam essas regras em textos vivos, coerentes e bem construídos, interessantes, tanto na língua escrita como na língua falada. (BAGNO, 2006, p.117.)

É no mínimo incoerente o discurso de professores quando se discute o resultado dos alunos nas avaliações, trabalhos, atividades ou no que se refere à efetiva participação dos mesmos nas aulas de língua portuguesa. Ora, não é de se estranhar que os alunos, falantes nativos e proficientes em língua portuguesa, relutem ao se deparar com atividades, muitas vezes impostas em forma de coerção, que têm como objetivo prioritário o ensino de metalinguagem ou a atribuição de notas. Vive-se hoje a era da informatização e a quantidade de informações advindas dessa cultura supera absurdamente a quantidade de informações presentes na sala de aula.

Com muita linguística alunos utilizam meios eletrônicos e tecnológicos para cumprir seu papel de cidadão na sociedade. Novas práticas de leitura e escrita devem ser urgentemente repensadas dentro de um contexto da cibercultura que atenda as demandas de uma sociedade que já não utiliza mais o papel ou a fala para efetivar sua comunicação com os pares, mas meios de comunicação eletrônicos utilizados na maioria das vezes de forma sistêmica. Surge então a necessidade de práticas docentes que viabilizem o encontro com os elementos da cibercultura e o desenvolvimento das capacidades comunicativas dos alunos, formando-os e humanizando-os dentro de um contexto digital sem deixar de lado as exigências sociais e pessoais das relações humanas em que são exigidas do ser humano a capacidade discursiva e linguística adaptável aos diferentes contextos. É a era do letramento digital em confronto com as exigências do convívio pessoal e oral, em confronto com a



sociedade do papel e da caneta. É a frieza e a distância das mensagens e textos da tela – os hipertextos –, em oposição às emoções e proximidades do encontro pessoal carregado de expressões e sentimentos. Os conceitos de letramento compreendidos no campo da pesquisa na educação e na linguística apontam para as práticas de leitura e escrita no âmbito coletivo e social, apresentando a concepção de letramento como “estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita” (SOARES, 2002, p.142)

Essa concepção nos aponta a ideia de que os indivíduos, mesmo utilizando-se da leitura de hipertextos, sem o contato pessoal, afetivo e distante de seus interlocutores possam ser considerados letrados, afinal utilizam-se da leitura e da escrita para suprir suas necessidades sociais.

(...) é o pressuposto de que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm a habilidade e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada (...) (SOARES, 2002, p.145-146)

Nesse momento atual numa situação em que vemos os alunos no espaço da cibercultura é necessário verificar a imensa oportunidade favorável para que se encontrem as situações propícias, e que as atitudes de interação digital, bem como as inúmeras manifestações e utilizações tecnológicas, venham ao encontro com a sala de aula na expectativa de fazer dos referidos meios, oportunidades de interação com seus interlocutores de modo oral e pessoal mais eficaz.

Segundo a mesma autora:

(...) estamos vivendo hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e escrita, propiciadas



pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a *web*), a Internet. É assim um momento privilegiado para, na ocasião mesma em que essas novas práticas de leitura e de escrita estão sendo introduzidas, captar o estado ou condição que estão instituindo: um momento privilegiado pra identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais, o letramento na cibercultura, conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduz as práticas de leitura e de escrita tipográficas, o letramento na cultura do papel. (...) (SOARES, 2002, p.146)

A proposta aqui apresentada busca emparelhar a cultura da tecnologia, tão presente no cotidiano dos alunos, com a cultura da oralidade, da expressão e da capacidade comunicativa e discursiva, encontrando no atual cenário tecnológico, meios de desenvolver as manifestações linguísticas orais para a interação dos alunos nos eventos sociais em que se deva usar a fala como meio de comunicação social.

A iniciativa de reflexão sobre o tema apresentado nesse artigo se deu após observações feitas sobre meus alunos no que diz respeito às práticas de utilização dos meios eletrônicos no ambiente escolar e fora dele e a não habilidade em lidar com assuntos relacionados à pesquisa escolar quando o uso da internet é exigido. Tal observação me fez refletir sobre a eficácia ou não da aproximação dos gêneros virtuais de comunicação produzida pelos alunos com as práticas escolares no que diz respeito à produção de gêneros textuais nas aulas de redação bem como nas práticas de uso da linguagem oral, necessárias para a inserção do indivíduo na sociedade.

Tomemos como referência a ideia de que o professor em formação inicial ou continuada deva ter olhares para o desenvolvimento de atividades objetivando a construção do conhecimento e do domínio lingüístico e comunicativo do aluno partindo da bagagem de formação trazida pelo mesmo, principalmente no que diz respeito aos meios utilizados por ele, o aluno, para se comunicar com seus pares, ou seja, ou recursos tecnológicos tão presentes no seu cotidiano. Uma proposta fundamentada nos gêneros textuais, entrando em contato com o repertório cultural do aluno, afinal “estudar os gêneros significa estudar as manifestações da cultura”. (NASCIMENTO, 2009, p.175).



O pluriverso de gêneros encontrados na escola e na vida social do aluno permite, sem sombra de dúvidas, o desenvolvimento no que compete a sua interação e satisfação pessoal em relação a seus anseios e necessidades vitais como seres que vivem em um ambiente letrado, onde utilizam a escrita e a leitura para fins sociais. E, mais atualmente, de um indivíduo letrado dentro de uma cibercultura em que são desenvolvidas habilidades de leitura e escritas digitais, e que “conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográfica e tipográfica, o letramento na cultura do papel. (SOARES, 2002, p.146)

2. Aula de português: nova era, novas posturas

O presente trabalho tem como objetivo prioritário problematizar os encaminhamentos metodológicos possíveis de se utilizar no ambiente escolar que partam da interação, entendido “como processo que envolve dois ou mais elementos, sejam eles, partículas, corpos ou pessoas” (LEFFA, 2006, p.181), em sala de aula por meio de manifestações textuais significativas para os alunos, em especial aqueles presentes no meio tecnológico, tão utilizados pelos alunos na atualidade, tais como, *chats*, *e-mails*, *sites* de relacionamento, mensagens eletrônicas etc., com o propósito de desenvolver habilidades orais adequadas às diferentes situações sociais em que o indivíduo, no caso o aluno, está inserido, possibilitando melhorias nas práticas de trabalho docente com vistas a formação linguística do aluno e melhorias em suas capacidades discursivas sociais.

A boa comunicação verbal nada tem a ver com a memorização de regras de linguagem nem com a disciplina escolar que trata dessas regras, e que geralmente, em nossas escolas, toma o lugar do que deveriam ser as aulas de Português: leitura, comentário, análise e interpretação de bons textos, e tentativa constante de produzir, pessoalmente, textos bons – enfim, vivência criativa com o idioma. (LUFT, 2008, p. 19)



Nessa perspectiva torna-se necessário um trabalho que contemple as habilidades de leitura, escrita e oralidade em comunhão com as práticas sociais necessárias aos alunos, bem como para todo cidadão, na efetiva participação nas inúmeras situações sociais em que o uso das diferentes linguagens seja necessário. É notável que, em plena era da informatização e da comunicação digital, as pessoas de um modo geral não consigam relacionar-se adequadamente de forma politizada e contextualizada com seus pares, seja em casa, seja em ambientes sociais, na escola etc., utilizando a comunicação oral inadequadamente à situação exigida. Porém, tal comunicação é bastante eficaz quando o meio para a circulação de interesses são os meios eletrônicos. A escola, nessa vertente, não tem observado com muita linguística a possibilidade de utilizar esses mecanismos de comunicação, de interesse dos alunos, para a melhoria de suas aulas no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades linguísticas. Atividades que contemplem a utilização da língua em efetivo exercício em sala de aula por meio de interações com os pares podem colaborar de forma significativa para a comunicação do aluno dentro e fora do ambiente escolar.

(...) uma generalizada falta de oportunidades de se explicitar em sala de aula os padrões gerais da conversação, de se abordar a realização dos gêneros orais da comunicação pública, que pedem registros mais formais, com escolhas lexicais mais especializadas e padrões textuais mais rígidos, além do atendimento a certas convenções sociais exigidas pelas situações do “falar em público”. (ANTUNES, 2003. p. 25)

Sabe-se que, durante décadas, a escola de maneira generalizada tem ficado presa a atividades tradicionais e mecanizadas no que se refere ao ensino de língua materna. Práticas descontextualizadas, atividades de metalinguagem em que o texto muitas vezes é utilizado apenas como pretexto para o ensino de regras desprovidas quase sempre de significado para o aluno. Um trabalho desprovido de atitudes de interação, em que a presença do outro para a prática da conversação é vista como oportunidade de colocar em prática o desenvolvimento da comunicação. Aulas que impedem muitas vezes que o aluno se expresse de forma, mesmo que informal, seus anseios, dúvidas, sugestões etc. em relação às diferentes situações do seu



dia-a-dia. “O outro que caracteriza o ato inerentemente social da linguagem, paradoxalmente, só desaparece nas aulas de português, que até já se chamaram de aulas de ‘Comunicação e Expressão’”. (ANTUNES, 2003, p. 47)

Discute-se, então, nessa pesquisa o verdadeiro sentido do ensinar língua portuguesa, para que o uso da linguagem aconteça, sem cobrar do aluno regras gramaticais descontextualizadas da sua realidade, mas o de organizar planejamentos didáticos dentro do ensino de língua materna em que se utilizem os pares da sala de aula para o desenvolvimento de habilidades comunicativas indispensáveis à efetiva prática social diferente do que temos assistido, um trabalho desatualizado em que não se leva em consideração os avanços da tecnologia e sua colaboração no processo de ensino-aprendizagem nas diferentes esferas educacionais.

O núcleo central da presente discussão é a *concepção interacionista, funcional e discursiva da língua*, da qual deriva o princípio geral de que *a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas materializadas em textos orais e escritos*. (ANTUNES, 2003, p. 42 grifos do autor)

Entende-se por interação a prática em que duas ou mais pessoas agem interdependentemente em busca de um mesmo fim.

Uma atividade é interativa quando é realizada, conjuntamente, por duas ou mais pessoas cujas ações se interdependam na busca dos mesmos fins. Assim, numa *inter-ação* (‘ação entre’), o que cada um faz depende daquilo que o outro faz também: a iniciativa de um é regulada pelas condições do outro, e toda decisão leva em conta essas condições. Nesse sentido, a escrita é tão interativa, tão dialógica, dinâmica e negociável quanto a fala. ”(ANTUNES, 2003. p.45)



Ou, como nos diz Rojo (2003, p.339) “interações como sistemas de atividades onde circulam sistemas específicos de gêneros e a teoria da enunciação de Bakhtin e seu círculo como referencial interpretativo.”

Considerando que para que haja a verdadeira comunicação, é necessária a presença do outro no discurso segundo os postulados bakhtinianos, há de se considerar que o papel da interação na sala de aula, seja de suma importância para o desenvolvimento das práticas da oralidade e desenvolvimento das capacidades discursivas. Alicerçada numa concepção interacionista da linguagem em que a presença do outro no discurso é de vital importância, nota-se que a escola, no que se refere ao ensino de língua materna, tem andado na direção contrária do que se pretende com tal disciplina. Há muito tempo o assunto é discutido em documentos oficiais e discussões acadêmicas.

Em relação aos PCN, não se pode deixar de reconhecer que as concepções teóricas subjacentes ao documento já privilegiam a dimensão interacional e discursiva da língua e definem o domínio dessa língua como uma das condições para a plena participação do indivíduo em seu meio social. (ANTUNES, 2003, p. 22)

Dessa forma, tornam-se emergenciais “processos didáticos e enunciativos que materializam suas práticas de ensino” (ROJO, 2003, p. 335), estabelecendo conexões entre as práticas de trabalho docente e manifestações textuais e significativas para o aluno, com a finalidade de melhorar suas práticas enquanto usuário de sua língua. E que o mesmo possa adequar suas linguagens às diferentes situações sociais em que essa prática seja exigida.

Teorias linguísticas do uso da prosódia, da morfossintaxe, da semântica, da pragmática, teorias do texto, concepção de leitura, de escrita, concepções, enfim acerca do uso interativo e funcional das línguas, é o que pode embasar um trabalho verdadeiramente eficaz do professor de português. (ANTUNES, 2003, p. 41)



Assim, a situação é convidativa ao abandono das tradicionais práticas didáticas destituídas de significado para o aluno, em que o trabalho de leitura, escrita e oralidade se efetuam de forma mecanizada e muitas vezes como pretexto para o desenvolvimento de atividades gramaticais que não levam o aluno à verdadeira comunicação dentro de uma comunidade de múltiplas linguagens.

A prática da escrita sem função, destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção (apenas para “exercitar”), uma vez que, por ela, não se estabelece a relação pretendida entre a linguagem e o mundo, entre o autor e o leitor do textos. (ANTUNES, 2003, p. 26-27)

2.1 Vivências e práticas: refletindo sobre o letramento digital

“Quem não se comunica se trumbica” já dizia o saudoso Abelardo Barbosa, mais conhecido como Chacrinha em suas aberturas de programa nas emissoras de TV, anos atrás.

Uma das preocupações enquanto professor de língua portuguesa sempre foi o modo como meus alunos do ensino médio, principalmente os do 3º ano, deixavam o colégio ao final do período letivo. Havia, e há uma incrível deficiência no comportamento lingüístico dos alunos ao final de sua vida escolar. Após aproximadamente 12 anos tendo aula de língua portuguesa, é possível verificar que os alunos estão deixando as cadeiras escolares sem habilidades básicas no comportamento social em que o uso da oralidade e das práticas comunicativas e de interação são exigidas.

Impressionante foi notar a maneira como se comportavam meus alunos quando chegavam à escola munidos de um fone de ouvido aclopado ao celular ou a qualquer outro aparelho eletrônico com a finalidade de ouvir música. Ao olhar esses alunos pelas costas percebia algo no mínimo engraçado; eles não andavam, mas dançavam ao chegar a escola. O som era mais interessante que tudo, e era inevitável caminhar ao ritmo da música. A proibição do uso desses instrumentos nunca foi suficiente para que o professor “ganhasse-os” na



participação em sala de aula. Bastava notar que toda vez em que os alunos eram convidados a guardar os celulares, fones de ouvido, e outros aparelhos, havia uma imensa resistência seguida de um debruçar na carteira e um, quem sabe cochilar enquanto a aula continuava, e o professor, falando, explicando, “ensinando”. As blusas com capuz, já fora de moda, começaram a ser utilizadas novamente pelos alunos, afinal encapuzados era mais fácil de esconder os fones de ouvido.

Mas afinal, o que chamava tanto a atenção dos alunos para que os equipamentos sonoros de ouvido fossem utilizados com tanto interesse? Essa foi e tem sido minha grande dúvida em relação a essas práticas dos alunos. Outra situação muito comum e que sempre chamou minha atenção em relação às práticas de comunicação dos alunos, tem sido a forte expressão sentimental manifestada via redes sociais na internet tão utilizadas por eles atualmente. Pessoalmente não vemos os alunos manifestarem tantas expressões de sentimentos para com seus amigos, colegas de sala, pais, de forma espontânea, carregadas de expressividade e hipérboles. Diferente do que acontece nos sites de relacionamentos em que frases, expressões de afeto e sentimento têm sido encontradas constantemente em produções de textos e mensagens criadas pelos alunos para se referirem aos colegas.

Frequentemente tenho “visitado” os ambientes virtuais mais utilizados pelos meus alunos e cada vez mais tenho ficado impressionado ao ver a maneira como os mesmos têm se relacionado com seus colegas e amigos. Expressões fortes de amor, carinho, fidelidade, gratidão entre tantos outros sentimentos têm sido utilizadas de forma muito acentuada pelos alunos. Tais manifestações, no entanto, não têm sido encontradas no discurso oral dos mesmos, com muita linguística, ao contrário, quando o assunto é a prática de oralidade em que os alunos são colocados frente uns aos outros para dialogarem, trocarem idéias, ou ao menos para terem uma simples conversa informal, essas manifestações textuais não acontecem com muita naturalidade, o que me faz pensar e questionar sobre o desafio enfrentado hoje pela escola no que tange o desenvolvimento comunicativo do público discente.

Será que estamos entrando de verdade no mundo digital em que as expressões e sentimentos, bem como a comunicação pessoal e natural será substituída pelas práticas “não reais” de uso da comunicação? Onde chegaremos com essa “virtualização” de sentimentos e



discursos? Até que ponto a escola pode deixar de interferir nessas práticas virtuais dos alunos não permitindo que os mesmos comuniquem-se tão proficientemente na linguagem virtual, carregada de emoções e expressividade e deixando de lado práticas de linguagem reais que merecem ser lapidadas, reorganizadas, melhoradas, a fim de que as manifestações linguísticas sociais, bem como as práticas sociais de cidadania possam ser realizadas de forma adequada e centradas em atividades de organização de uma sociedade linguisticamente proficiente?

Questionamentos como os já apresentados têm sido uma constante na minha prática pedagógica quando o assunto é o uso dos aparelhos eletrônicos encontrados de posse dos alunos nas escolas. Proibir o uso de celulares na escola? Não permitir de forma alguma a utilização dos fones de ouvido dos alunos? Até que ponto uma escola inserida num contexto social altamente desenvolvido no que se refere aos meios de comunicação eletrônicos devem afastar esse ambiente da utilização desses mecanismos? Parece que a escola está amedrontada ao perceber que tais mecanismos estão tomando a atenção, que deveria “talvez”, partindo de uma concepção tradicional de ensino, ser do professor, da matéria, do conteúdo (ou será que não deveria?!)

Ora, as respostas às perguntas acima devem ser dadas baseadas em reflexões sobre uma prática pedagógica reflexiva e crítica, em que o professor pesquisador possa, por meio de observações de sua prática pedagógica, indagar-se constantemente sobre utilizações de tais recursos em suas aulas com o propósito de melhorar ou de alguma forma, chamar a atenção desse aluno para o conteúdo que estrutura sua disciplina.

A prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que pode servir-lhes de uma maneira ou de outra.(TARDIF, 2008, p.53)



“Dentro da missão do educador está a colaboração para a formação do aluno. Cabe a ele a orientação, a relação de confiança e o acompanhamento dos discentes em relação ao uso das novas tecnologias para o aprendizado” (A&E, 2010)

Em minhas atividades docentes como professor de línguas tenho realizado constantes reflexões sobre a apropriação dos usos virtuais de ser dos alunos com minhas atividades de sala de aula.

Dentre inúmeras observações realizadas algumas têm chamado minha atenção, motivo pelo qual tenho cada vez mais me debruçado sobre pesquisas que observem as práticas de letramento digital, tanto do professor como do aluno.

Uma situação que mereça bastante atenção nesta discussão é a apropriação vocabular de língua estrangeira pelos alunos. Os fones de ouvido tão reprovados pelos professores e dirigentes de escola tem colaborado em muito para que o aluno aprenda uma língua estrangeira de forma eficaz. Inúmeras vezes em minhas aulas de inglês sou desafiado pelos alunos quando questionado sobre alguma expressão ou vocábulo encontrado por ele quando estava ouvindo ou lendo a letra de uma música em um site de busca para baixar letras de músicas na internet. Para minha grande surpresa, raramente preciso ir a um dicionário para buscar o significado, quando não conheço a expressão ou palavra, muitas vezes sou abordado por um outro aluno que logo me traz o significado de tal expressão. Com muita linguística, tenho encontrado frases de músicas em língua estrangeira sendo utilizada pelos alunos em campos reservados para fins de apresentações pessoais em sites de relacionamento, o que vem responder à pergunta de que indaguei muitas vezes sobre o papel da escola frente os avanços da tecnologia e da não apropriação desses avanços como fins pedagógicos. Os alunos estão aprendendo inglês, antes que o professor, designado para esse fim, venha apresentar determinados conteúdos.

2.2 Relato de experiência: interação digital entre professor e aluno

Certa vez cansado de tanto reclamar de uma sala de terceiro ano do ensino médio por não participarem efetivamente das minhas aulas, já que estava realizando um trabalho voltado para a futura aprovação no vestibular, fui surpreendido por uma situação.



Havia entre os alunos da sala um garoto cujo comportamento sempre me chamou muita atenção. Sempre muito calado, não possuía uma relação muito forte com seus amigos de sala. Estava na maioria das vezes sozinho sem conversar com seus colegas. Sua integração com os demais alunos só acontecia na quadra com o jogo de futebol, parecia que ali o jovem garoto sentia-se à vontade para fazer algo de seu interesse, porém, raríssimas eram as vezes, mesmo no jogo de futebol, em que se ouvia sua voz. Durante minhas aulas, tentei inúmeras vezes, e de diversas maneiras, tirar dele alguma expressão, algum diálogo, o máximo que eu ouvia era o “presente” em resposta a chamada ou um “não fiz” quando questionava sobre a resolução de atividades e da “produção de texto”, compromisso dos alunos toda segunda-feira. Confesso que algumas vezes pensei em não mais cobrar dele a tal produção textual ou a atividade da apostila, afinal, não havia obtido êxito em nenhuma das vezes em que o procurei para conversar. Não havia diálogo algum entre nós. Na verdade não havia diálogo algum nunca.

Certa vez, numa situação atípica, estava no período contrário em que trabalhava normalmente no colégio a fim de recuperar algumas aulas que havíamos perdido por decorrência de férias prolongadas por conta de uma epidemia. Estávamos todos sentados em um banco, no pátio da escola, eu e os alunos do terceiro ano, a fim de cumprirmos com nossas atividades, quando já cansados paramos para conversar sobre assuntos não referentes a aula. Naquele momento, observei que aquele aluno de pouca conversa e de nenhuma participação, estava de posse de um celular jogando um *game* interessante. Pensei então em questioná-lo sobre o jogo tentando extrair dele o mínimo de conversa possível. Minha intenção naquele momento era realmente me aproximar do aluno e tentar de alguma forma conversar com ele. Ele, muito brevemente me disse sobre o jogo, dando-me explicações sucintas e não muito instrucionais. Pedi-lhe então o seu número de celular, já com segundas intenções, queria observar sua comunicação por meio do *sms*, a mensagem do celular. Ele então me passou seu número explicando-me tratar-se de um novo que há poucos dias havia adquirido, e que ninguém ainda o tinha.

Ao chegar em casa experimentei enviar-lhe um torpedo *sms*. No torpedo parabeneizei-o sobre a nossa “conversa” dizendo ter gostado da maneira como o mesmo havia se comportado quando questionei sobre o jogo. Na verdade não houve exatamente uma conversa, mas gostaria de demonstrar minha necessidade de aproximar dele para conquistá-lo para minha



aula de língua portuguesa. No ensejo, disse gostar muito dele e que ele poderia sempre contar comigo como amigo acima de qualquer coisa.

Confesso que a principal idéia em aproximar-me do aluno naquele momento era estabelecer um contrato amigável entre nós. Meu objetivo seria sem dúvida quebrar uma barreira que talvez pudesse existir entre nós e que eu pudesse, a partir de então, ouvir a voz daquele que a alguns meses, quando terminado o ensino médio, teria de utilizar de suas linguagens verbais para seu engajamento no mercado de trabalho e no ensino superior.

Confesso que não esperava obter resposta do aluno quando enviei-lhe a mensagem. Não é assim tão natural que alunos respondam recados de professores, e como aquele aluno em especial, nunca havia tido um diálogo verdadeiramente efetivo com o professor, não acreditava que aquilo pudesse acontecer ali, via celular. Foi quando minutos depois, escutei a informação do meu celular avisando-me do recebimento de uma mensagem.

Durante alguns minutos mantivemos uma interessante, produtiva e inteligente interação virtual utilizando-se da linguagem cibernética repleta de variedades da língua, típicas desse ambiente, como abreviações e siglas, que me fez compreender que meus alunos realmente sabem, dentro de suas realidades virtuais, comunicar-se tão bem, quanto eu esperava que acontecesse nas “aulas de redação” na modalidade escrita, e nas discussões na modalidade oral.

Utilizarei os nomes PROFESSOR e ALUNO nas exemplificações abaixo para apresentar o diálogo mantido entre nós. O texto será mantido na íntegra.

Mensagem 1 - SMS – 02/10/09 – 16h28m

PROFESSOR. *Fala amigão. Kra é sério qdo falei que vc ta mudado e diferente. Continua assim vai te fazer bem. Vc é uma grande pessoa rapaz. Qdo precisa de um amigo conta comigo guri. Forte abraço. Professor.*

ALUNO. *Blz...*



Mensagem 2 – SMS – 02/10/09 – 16h30m

PROFESSOR. *Putz, que respostona! Haha*

ALUNO. *sabe... sou um cara de pouca palavras... no não diser nada disse td... é só ler nas entrelinhas.*

Mensagem 3 – SMS – 02/10/09 – 16h40m

PROFESSOR. *ótimo! Gostei da resposta inteligente.*

ALUNO *.haha. Sabia que me mandaria uma mensagem me cobrando pelo blz... Mas valeu pela mensagem e até a décima aula da semana.*

Ora, parece um tanto quanto contraditório a idéia defendida pelos profissionais da educação, bem como a minha, até então, em não aceitar a utilização de instrumentos de comunicação virtual, e por que não dizer, de aprendizados da esfera tecnológica dos alunos, na escola. Ou criticar as posturas desses alunos frente a essas manifestações. Não estou aqui, em hipótese alguma, defendendo o uso de tais tecnologias da forma como tem sido realizada por alunos na escola, de forma desorganizada, desrespeitando a presença e autoridade do professor ou de qualquer outra pessoa no ambiente escolar, defendo sim a apropriação desses mecanismos, desses gêneros textuais como instrumento de trabalho pela escola encontrando de forma organizada e disciplinada estratégias de trabalho em que os sons, imagens e aparelhos eletrônicos possam ser utilizados como meio de aproximar o aluno às práticas sociais discursivas em que o discente é levado a utilizar-se de suas habilidades e emoções para o cumprimento de seu papel numa sociedade tecnologicamente inserida.

Especialistas explicam que as mídias tecnológicas tem características em comum: a comunicação, a socialização, a troca .Assim, as práticas pedagógicas que utilizam as tecnologias de forma planejada permitem ao aluno o desenvolvimento de sua autonomia e trabalham a interdisciplinaridade de conteúdos. Além disso, o estudante melhora suas



competências de análise e reflexão, organização do pensamento, seja por meio de exposição de pensamento nos sites ou blogs ou , até mesmo, em comunidades virtuais, de registro de sons e imagens, e com a tradução de textos em várias línguas. “São mídias a serviço da humanidade”. Não conectam computadores, conectam pessoas. “Formam uma rede gigantesca de seres humanos constituindo a maior interface social do mundo”. (A&E, 2010)

Minha maior surpresa foi verificar a perfeita habilidade do aluno no momento de interação utilizando-se de recursos gramaticais adequados, como pontuação por exemplo para dizer o que realmente queria. O aluno participava de minhas aulas. Compreendera o que eu havia ensinado nas aulas de leitura de entrelinhas. Ele sabia produzir textos e fazer leituras. Eu é quem não havia observado isso. Bastava agora utilizar desses instrumentos, muito utilizados por esse aluno para o desenvolvimento de suas práticas discursivas reais e presenciais, possibilitando que seu mundo virtual tornasse realidade para satisfazer suas necessidades enquanto pessoa que precisa da comunicação presencial para fazer-se pessoa, para fazer-se cidadão.

2.3 Relato de experiência: o gênero entrevista virtual

Outra situação muito interessante e que mereça ser comentada foi um trabalho com projetos em que resolvi realizar nas séries do ensino fundamental II. Começamos a discutir com as turmas alguns temas para que eles pudessem manifestar seus interesses em pesquisa. Temas relacionados à comunicação e produção textual, tais como, músicas, jornalismo, anúncios publicitários e histórias em quadrinhos. Meu objetivo naquele momento era não partir de mim a escolha do tema de estudo do bimestre, mas que partisse deles, por meio de assembléias e democracia na escolha do foco de estudo. A todo momento eu procurava organizar e promover situações de oralidade, permitindo que os alunos pudessem, de forma justa e democrática, opinar sobre suas escolhas e argumentar com o grupo sobre a razão de tais escolhas. Atividades de conversação e interação foram sendo realizadas ao longo do trabalho sempre objetivando a participação efetiva e democrática dos alunos no



desenvolvimento de suas práticas com o grupo. Após eleito o tema pela turma os alunos foram convidados a buscarem dúvidas que pudessem ser respondidas pelas práticas de pesquisa. Sempre ficou muito claro para os alunos que nosso interesse era observar coisas que não sabíamos . Afinal não iríamos fazer uma pesquisa de algo que já fosse do conhecimento da turma. Os alunos ficaram uma semana em busca das dúvidas e na aula seguinte expuseram-nas aos demais de forma oral dentro da sala de aula organizada adequadamente para realização de tal atividade. Grande foi minha surpresa ao perceber o quanto os alunos interagiam nesse momento, pois muitas das dúvidas levantadas a respeito do tema eram comuns entre os alunos das salas. Todas as turmas optaram pela internet como fonte de pesquisa e elegeram por unanimidade a entrevista virtual como instrumento de trabalho na pesquisa. Após elencadas as dúvidas e tópicos os alunos tiveram como atividade de casa a busca das respostas para aquelas perguntas que foram aparecendo ao longo do projeto.

O que mais chamou minha atenção nos trabalhos realizados foi a falta de habilidade dos alunos de um modo geral com a pesquisa na fonte internet. Muitos se mostraram completamente iletrados nas práticas virtuais quando deveriam utilizar a internet como fonte de pesquisa, o que foi comprovado pelo condicionamento dos mesmos a um número restrito de mecanismos, como sites de relacionamento, *messengers*, *google*, entre outros.

Outros ainda disseram não ter conseguido entender os mecanismos de sites de busca e a mensagem que alguns sites forneceram.

Aos poucos os alunos foram conduzidos a trabalhar de forma eficiente com tais fontes de pesquisa. Foram utilizados diferentes tipos de sites inúmeras vezes com o intuito de criar estratégias de trabalho com tais mecanismos na busca de informações relevantes à pesquisa.

Nas etapas seguintes do projeto pedi aos alunos que juntos organizassem as próximas etapas de trabalho, apresentação para os alunos da escola, entrevistas com membros da comunidade, etc. Essa foi para mim a etapa mais significativa de todo o trabalho, afinal eu não mais precisava intervir tanto no discurso e na interação com os alunos, bastava chegar na sala de aula e pedir para que os grupos fossem organizados para que a discussão sobre os trabalhos comesçassem a acontecer.



Em alguns momentos me pegava falando sozinho, achando inacreditável o que estava vendo, os alunos de forma organizada e democrática discutiam sobre seus trabalhos delegando responsabilidades entre eles. Houve momentos em que os grupos iniciantes se desfaziam formando outros pelo interesse aos assuntos discutidos pelos demais alunos.

As práticas de produção de texto na modalidade escrita era sempre ajustada as práticas de pesquisa. Relatórios das atividades em forma de diário eram utilizados como forma de registro do que havia acontecido até aquele momento. Eu, então, encontrava aí a oportunidade de trabalhar as regras utilizadas para o bem escrever dentro da modalidade padrão da língua distanciando-me das famosas e maçantes aulas de nomenclatura gramatical e regras ortográficas. Ao final de todo o projeto levantou-se, junto com os alunos, as conclusões finais. Os alunos de modo geral haviam percebido que a internet era uma interessante e necessária ferramenta para se aprender mais sobre seus interesses, e que a maioria dos alunos encontravam imensas dificuldades em lidar com esse instrumento virtual, por mais que passassem horas e horas durante a semana em frente a uma tela de computador comunicando-se com amigos em sites de relacionamento ou *softwares* de conversação virtual. A finalização das atividades do projeto ficaram marcadas pelas próprias percepções de aprendizagem dos alunos em suas práticas de uso da internet o que me deixou imensamente satisfeito e com a certeza de tarefa cumprida e bem feita.

3. Considerações finais

Muitas vezes sentimos medo de enfrentar a realidade, de encarar as mudanças que o setor educacional nos apresenta por sentirmos, talvez, impotentes diante das inúmeras possibilidades e novidades recém chegadas das esferas tecnológicas, o que nos possibilita resistirmos a tais mudanças. Várias são as atitudes e visões frente a essas mudanças como nos apresenta Recuero (2009, p.12.) com a ideia de que quando se fala em comunicação virtual tem-se uma “visão pessimista e otimista”. Pessimista em pensar que os meios de comunicação virtual deturpam a realidade e influenciam práticas de interação e comunicação pessoal em que a presença do outro seja necessária, e otimista ao entender que as interações e



comunicações utilizadas por meio de instrumentos não reais, como é o caso das máquinas, diminuem as distâncias entre pessoas e favoreçam uma interação, mesmo que virtual, capaz de modificar os seres que fazem uso destes instrumentos.

Somos surpreendidos constantemente pela imensa quantidade de informações trazidas para o âmbito educacional advindas de pesquisas nas áreas da educação. Atualmente os estudos da linguagem em suas vertentes, têm colaborado sobremaneira para uma prática pedagógica dentro de uma perspectiva enunciativa em que as práticas de linguagem se voltem para a construção de sentidos no momento da interação entre pessoas. A constante participação dos profissionais da educação em programas e projetos de formação continuada, bem como, uma auto e crítica avaliação de práticas pedagógicas tradicionais em que o rádio, a televisão e o retroprojetor são tidos como os únicos mecanismos eletrônicos possíveis de se utilizar em sala de aula, devem ser repensados a fim de inserir os alunos e professores dentro de uma esfera de construção de conhecimento e de práticas pedagógicas pautados em realidades sociais e virtuais da atualidade obedecendo a função primordial da escola que é humanizar o aluno. Permitir de forma adequada e consciente o uso de instrumentos eletrônicos no ambiente escolar é proporcionar a interação e desenvolver a comunicação entre os alunos.

O ciberespaço e as ferramentas de comunicação possuem particularidades a respeito dos processos de interação. Há uma série de fatores diferenciais. O primeiro deles é que os atores não se dão imediatamente a conhecer. Não há pistas da linguagem não verbal e da interpretação do contexto da interação. É tudo construído pela mediação do computador. O segundo fator relevante é a influência das possibilidades de comunicação das ferramentas utilizadas pelos atores. Há multiplicidade de ferramentas que suportam essa interação e o fato de permitirem que a interação permaneça mesmo depois do ator estar desconectado do ciberespaço. Essa fato permite por exemplo, o aparecimento de interações assíncronas. (RECUERO, 2009, p.31-32)

Reconhecer as práticas de comunicação virtual como realidades de interação é ganhar mais um instrumento de trabalho docente que vai ao encontro dos anseios e necessidades dos



alunos. Basta que haja uma perfeita combinação entre a comunicação virtual e eletrônica e as práticas sociais de utilização desses mecanismos com as práticas pedagógicas, a fim de proporcionar a inserção do público discente na esfera social tecnologicamente inserida.

Uma mudança de atitude do professor em relação aos instrumentos modernos de trabalho e a apropriação desses instrumentos para melhorias não apenas na aula, mas na formação humana urge nos dias de hoje, considerando que professores e alunos estão cada vez mais andando em caminhos diferentes, em busca de coisas diferentes, fazendo e aprendendo coisas diferentes, dentro de um lugar igual, a escola, ou seja, lugar privilegiado para as interações, para as trocas, para a construção do conhecimento. As reflexões e exemplos aqui levantados são uma mínima parte daquilo que constantemente encontramos e vivenciamos no ambiente escolar. Tais reflexões são necessárias para que de alguma forma se minimizem algumas tensões encontradas no ambiente escolar nos dias de hoje e que possam colaborar para o desenvolvimento dos alunos. A pesquisa aqui levantada servirá de fundamento para que outras buscas sobre o tema letramento digital, bem como práticas de trabalho em que a interação em sala de aula seja uma ponte entre a realidade dos alunos, no âmbito social, e as atividades de sala de aula, com as linguagens virtuais de comunicação que constantemente os alunos fazem uso, possam colaborar para meu levantamento de dados com o propósito de agrupar *corpus* para a constituição de minha dissertação de mestrado e colaborar, de alguma forma, para que profissionais da área do ensino de Língua Portuguesa melhorem suas atividades docentes.

Referências

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- A&E. *Atividades e experiências* – 8ª ed. Curitiba, PR: Positivo, 2010.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico. O que é, como se faz*. 47ª ed. São Paulo, Loyola, 2006.
- LEFFA, Vilson J. *A interação na aprendizagem das línguas*. 2ª ed. Pelotas: Educat, 2006. 254 p.



LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade*. São Paulo: Ática, 2008.

NASCIMENTO, Elvira Lopes. *Gêneros escolares: das práticas de linguagem aos processos de desenvolvimento humano*. In: FERNANDES, Luiz Carlos. (Org.) *Interação: práticas de linguagem*. Londrina: EDUEL, 2009.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. Coleção Cibercultura. 191p.

ROJO, Roxane & BATISTA, A. A. G. (Orgs.) *Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas, SP. Mercado de Letras. 2003.

SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. *Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. Revista Brasileira de Educação. N. 11, 1999. p. 5-16, Maio/Jun./Jul/Ago.

SOARES, Magda. *Novas Práticas de Leitura e escrita: Letramento na Cibercultura*. Educ. Soc. Campinas, vol. 23, n. 81p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.